



CASTELLO BRANCO — OFICIAL DE ESTADO-MAIOR, CHEFE MILITAR E ESTADISTA

Carlos de Meira Mattos

Artigo extraído de palestra proferida pelo autor no Arquivo Histórico do Exército, em 29 de setembro de 1989, ao ensejo do 90º aniversário de nascimento do Marechal Castello Branco.

Apresenta o pensamento dos principais biógrafos do Marechal e, também, daqueles que, sem serem incluídos nessa categoria, escreveram conferências, palestras e artigos traçando perfis nítidos de sua personalidade de oficial de estado-maior, de chefe militar e de estadista.

INTRODUÇÃO

Castello Branco tem, até hoje, quatro biógrafos: Luiz Viana Filho, membro da Academia Brasileira de Letras, ex-Governador da Bahia, e ex-Presidente do Senado, que lançou, em 1975, uma obra notável do rol das biografias a que vem se dedicando (de Nabuco, Rui Barbosa, Rio Branco, Machado de Assis e

José de Alencar), livro que carrega, a par do talento do pesquisador emérito, o testemunho de quem acompanhou o biografado no dia-a-dia, durante os seus 3 anos de governo; John Foster Dulles, professor de História das Universidades dos Estados do Texas e do Arizona, que já se dedicara antes à biografia de Getúlio Vargas e já havia escrito dois outros livros sobre a política brasileira; jornalista José

Wamberto, também seu auxiliar na direção do Serviço de Imprensa do Palácio do Planalto e, finalmente, a obra que, sob o patrocínio da Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME - então sob o comando do General Reynaldo Mello de Almeida), foi coordenada pelo dedicado pesquisador da história militar, Coronel Francisco Ruas Santos. Nesse livro, "Marechal Castello Branco e seu Pensamento Militar", a ECEME teve a preocupação louvável de reunir, imediatamente após a morte de Castello Branco, para que se não perdesse no esvoaçar do tempo, o que de mais importante havia em seus arquivos, marcando a presença brilhante de sua inteligência nesse alto instituto de estudos, particularmente como Diretor de Ensino, nos anos de 1946 a 1949, e, depois, como Comandante, entre 54 e 55.

Entre aqueles que, através de seus escritos, nos oferecem excelentes traços biográficos sobre a personalidade do Marechal, desejo destacar o General Vernon Walters, autor da "Silent Missions", obra de sucesso nos Estados Unidos e traduzida já para o francês e português, o Marechal Mascarenhas de Moraes, seu Comandante na Força Expedicionária Brasileira, o General De Gaulle (em suas opiniões citadas por Luiz Vianna Filho), os Generais Celso Daltro Santos, Octávio Pereira da Costa e Aguiñaldo Sena Campos que, em conferências realizadas, marcaram aspectos notáveis dessa figura inesquecível

do nosso Exército e da Nação Brasileira. Vários outros pesquisadores políticos e historiadores estrangeiros também dedicaram importantes partes de suas obras ao estudo da personalidade e da ação governamental de Castello Branco e, entre estes, devemos salientar Ronald Schneider, Thomas Skidmore e Roger Fontaine (norte-americanos), Georges Andrés Flechter (suíço) e Michel Schooyans (belga).

Octávio Costa, em 1978, produziu preciosa conferência, modelar no seu conteúdo histórico e no seu estilo literário, intitulada "Pequena Memória de Um Grande Homem." Recentemente, o ex-pracinha da FEB, hoje advogado talentoso, Joaquim Xavier da Silveira, lançou seu 2º livro, "A FEB por Um Soldado", onde projeta a imagem de Castello Branco na guerra, em sua verdadeira grandeza.

O OFICIAL DE ESTADO-MAIOR

O Marechal Mascarenhas de Moraes, cujo nome é a maior glória do Exército contemporâneo, pois sob seu comando levou e trouxe de volta ao Brasil cobertos de glória os jovens soldados que combateram ao lado de norte-americanos, ingleses e franceses e tiveram, por inimigos, o famoso exército alemão, assim se expressa sobre o oficial de Estado-Maior que foi o Tenente Coronel, e depois Coronel, Castello Branco, chefe da 3ª Seção de Estado-Maior (operações) da FEB, no seu livro de memórias:

“Oficial de Estado-Maior. Inteligência privilegiada: lucidez e objetividade na apreensão da situação tática é estratégica; firmeza e serenidade nas situações críticas; caráter e pensamento; energia e ação; patriotismo e desambição são as maiores e excelsas virtudes desse modelo e guia do oficial de Estado-Maior. Foi o meu grande e emérito auxiliar no planejamento das operações e nos estudos de situação durante a Campanha da Itália. No pós-guerra continuou a prestar-me eficiente e denodada colaboração.”

Após este retrato intelectual e moral, “do modelo e guia de oficial de estado-maior” traçado pelo Comandante da FEB, pessoa que todos que o conhecemos o sabemos cauteloso e medido nas suas palavras, pouco poderemos acrescentar, senão reproduzir como ele próprio, então Coronel Castello Branco, Diretor de Ensino da ECEME, imaginava que devesse ser o oficial de estado-maior do Exército Brasileiro:*

“Mas a tarefa transformadora da turma apenas começa. Tomará vulto quando seus componentes estiverem nos postos de Estado-Maior e na tropa, lutando em benefício do Exército.

“A turma deve lembrar-se, então, do pensamento de um velho soldado encarregado de renovar as forças criadoras de sua classe. De começo ele filosofou em torno de três coisas contra as quais o espírito humano luta em vão: a tolice dos homens, a burocracia e as fórmulas feitas. Quanto à tolice humana, reconheceu que a luta com a qual se procura vencê-la é sem esperança de vitória. Declarou-se completamente batido na luta contra a burocracia militar. E disse, porém, que empreenderia, no domínio da profissão das armas, decididamente, a luta contra as fórmulas feitas.

“Esta a luta que está à espera da turma.

“As fórmulas feitas, encerrando aparentemente uma legenda ou um pensamento, cobrem a ausência de idéias e a inação. Vêm a ser, por outro lado, o escudo da rotina. ‘Não vos intimideis, nem recueis. Se levantarem a barreira do amor ao passado, não vos esqueçais de que a nossa tradição é, ao contrário, a base de nossa evolução e não da estagnação’.

“Quebrai a fórmula de que, por um falso determinismo geográfico e histórico, só devemos estudar a chamada *guerra crioula*, com combatentes e chefes improvisados, na base da velocidade de muares e cavalos. Demonstrei a fraqueza da fór-

* Palavras de agradecimento à homenagem que lhe foi prestada pela turma 1946/48 da ECEME.

mula de que as estradas e a rudeza dos terrenos sul-americanos paralisam os meios e dominam a vontade do homem. Vencei a fórmula da única possibilidade de guerra defensiva. Arredai a fórmula de que só se deve planejar com os recursos existentes, fazendo a demonstração de que, dessa maneira, será perpetrado o ha-raquiri pela própria nação. Dominai a fórmula de que a guerra será inelutavelmente no interior de nossas fronteiras. Afastai a fórmula de que a participação do Brasil numa guerra mundial é uma cogitação teórica. Removei a fórmula de que não é para nós a batalha anfíbia e a batalha aeroterrestre.

“E tereis idéias e energia para trabalhar e dar o exemplo.

“Mas não façais a demolição das fórmulas feitas com obra de imaginação. Deveis preferir a visão concreta dos problemas militares em vez das sentenças abstratas dos cômodos doutrinadores de Estado-Maior. Deveis ter bem presente que um plano não tem nenhum valor próprio, e o único valor que se lhe pode atribuir é o relativo, por se relacionar com a execução. Concepção e execução só são independentes para se definir responsabilidades.”

Como Diretor do Ensino da ECEME, foi *seu inovador*, no dizer do General Tristão de Alencar Ara-

ripe, então Comandante. Assim analisa o Gen Alencar Araripe o período em que o Cel Castello Branco exerceu essas funções:

“O período de 1946-1949 pode ser encarado como um *período de renascimento, de renascimento e de franca evolução*; encarou a Escola nesse período a necessidade urgente de aproveitar os frutos da cooperação na guerra mundial que findara e as lições que dali emanaram. Havia, nessa época, dois problemas de ordem doutrinária de suma importância: o método de raciocínio e a doutrina, organização e processos de emprego. Essa atualização foi processada através da codificação do Trabalho de Comando. Importou isso em tornar muito mais pormenorizada a análise dos fatores da decisão e em repartir a tarefa da tomada da decisão entre o Comandante e os membros do seu estado-maior.”

Sabem os que conviveram com o então Cel Castello Branco na ECEME, nos anos citados pelo General Alencar Araripe, que ele se dedicou, de corpo e alma, a este Trabalho de Comando, um verdadeiro método de raciocínio para o estudo da situação e a tomada da decisão. Recém-chegado dos campos de batalha da Europa, Castello Branco procurava conciliar os ensinamentos que colhera no convívio

com outros Exércitos, outros chefes e outros estados-maiores, com as peculiaridades do homem brasileiro. Por isto, na pregação do seu Trabalho de Comando, inseria, cotidianamente, o combate sem tréguas “à roupagem retórica do oficial de estado-maior que assim procurava encobrir a indecisão, a inação”, e também sua aversão pelo “gosto pelas idéias feitas”, duas falhas alienantes de um oficial de estado-maior que deve ser *todo ação e imaginação*.

A ECEME, onde serviu como Instrutor, Diretor de Ensino e Comandante, foi o seu grande laboratório de idéias e, também, o auditório magnífico de onde disseminou, durante anos e anos, pelo Exército inteiro, os frutos de sua inteligência, de sua fé profissional e de sua crença no destino grandioso deste país.

O CHEFE MILITAR

Abrimos este tópico com palavras de seu discurso, ao deixar o cargo de Chefe de Estado-Maior do Exército para assumir a Presidência da República:

“Ao Exército tudo devo, minha educação, a formação do meu caráter e as habilitações que me foi dado adquirir.”

As pompas da Chefia Suprema da Nação, a que era alçado, na euforia nacional de uma Revolução vitoriosa, não ofuscaram o espíri-

to deste Chefe Militar que sempre destacara, como qualidade de chefia fundamental, a lealdade à Nação e ao Exército. Ali, naquele momento em que depositário da confiança da Nação, saía para galgar a mais alta magistratura do Estado brasileiro, com a modéstia e a sinceridade de um cruzado, consignava o seu preito de lealdade ao Exército.

Em suas “reflexões sobre o exercício do comando”, que iria agora empolgar no mais alto nível, dizia o então Coronel Castello Branco:

“A palavra *Responsabilidade* deve retinir no espírito dos que aqui ingressam para encetar a tarefa de aprendizes de estado-maior.”

“A Responsabilidade representa a *mística dos Chefes*.” Ela assenta as suas bases na circunspeção, na seriedade, na sinceridade de propósitos com que se encaram os problemas e sua energia com que se leva avante a solução dos mesmos e a efetivação das medidas que fortalece a Nação para a eventualidade da luta.

“*Associai esse conceito de Responsabilidade, ao de Autoridade e tereis a base do exercício do Comando*.”

“O Comandante deve possuir, como vimos, as qualidades de Chefia para exercer a sua ação de comando. As que nos referimos poderiam enfeixar-se

no atributo básico da *força moral*. Mas só a *força moral* forma a base da personalidade do Chefe?

“A sua autoridade não se assenta, também, em outro tipo de valor? Para se elevar à altura de suas responsabilidades não necessita, ainda, de mais de um meio que enobrece a hierarquia? A autoridade funcional tem, necessariamente, a vida ao lado da *força moral*, isto é, a *face intelectual do chefe*, a competência profissional como se diz comumente.”

Os testemunhos das excelsas qualidades de Chefia Militar nós as encontramos vividas em passagens citadas no livro do General Vernon Walters, então Capitão e seu acompanhante como intérprete na visita ao “front” numa noite crítica de combate. Passamos a palavra a Vernon Walters:

“A integridade moral deste homem (Castello Branco) estava acima de qualquer desafio. Nos momentos de perigo, ele devia sentir medo, como qualquer outra pessoa, mas possuidor de uma autodisciplina de ferro, era sempre capaz de manter sua calma imperturbável. Ele transmitia isto àqueles que o acompanhavam. Numa noite gelada de dezembro, às duas horas, eu fui acordado pelos estrondos do fogo de nossa artilharia de apoio caindo perto de

nosso posto de comando. Preocupado, continuei dentro de meu saco de dormir, relutando em levantar, ainda que consciente de que deveria fazê-lo. Finalmente saltei da cama e fui bater na porta do quarto de Castello Branco, mas ele já não estava. Desci até a 3.^a Seção e o encontrei vestindo pesado capote e visivelmente preparando-se para sair. Perguntei-lhe o que estava acontecendo. Respondeu-me que não sabia, mas que algo estranho provavelmente ocorrera na ponte de Sila, cerca de três quilômetros ao Norte. A seguir, convidou-me para ir com ele, pois o IV Corpo provavelmente não demoraria em me chamar para saber o que havia acontecido. Nessa altura não tive dúvidas de que os alemães estavam na ponte de Sila e lá seríamos recebidos por eles, mas concordei em ir. Tentando esconder os meus 1,90m atrás de seus 1,67m, saí com ele, sentei-me no banco de trás do “jeep” e rumamos para a ponte de Sila, enquanto o bombardeio prosseguia. Chegando à ponte encontramos um grupo de soldados brasileiros. Castello Branco procurou o Tenente que os comandava e perguntou asperamente quem era ele e o que estava fazendo ali. O oficial, em posição de sentido, informou que ele e seu pelotão haviam chegado ao local naquela noite, e que há cerca de duas ho-

ras tinham sido atacados pelos alemães. Muito nervoso, o Tenente informou que milhares de homens louros e muito altos tinham irrompido em nossas posições, gritando "heil Hitler".

Castello Branco encarou o oficial friamente e disse que não havia milhares de alemães naquela frente e que, desde a Tunísia, ninguém mais gritava "heil Hitler". O Tenente, ainda muito nervoso, insistiu em sua versão, sendo interrompido asperamente por Castello Branco:

— "O senhor tem ordens para abandonar a posição?"

— "Não, senhor.

— "Então volte imediatamente para o seu posto.

— "Coronel — disse o Tenente — estou disposto a morrer pelo Brasil, mas não quero que meu filho fique órfão por eu estar defendendo uma posição insustentável.

"Castello Branco o olhou fixamente, desabotoou o coldre da pistola e ordenou:

— "Tenente, vá imediatamente para a posição.

"O oficial percebeu que a ameaça não era em vão e, visivelmente impressionado pela frieza das palavras de Castello Branco, bateu os calcanhares, fez a continência e, seguido por seus homens, desapareceu em silêncio dentro da noite, em direção ao seu posto. Seis semanas depois, o mesmo Tenente foi condecorado por bravura. A

calma e a energia de Castello Branco fizeram com que o oficial e seus homens compreendessem que deveriam comportar-se como soldados do Brasil."

Continua o Gen. Vernon Walters:

"Nem sempre se tem oportunidade de se observar um homem na guerra submetido a tais pressões. A verdadeira grandeza da coragem e da energia de Castello Branco ficara claramente demonstrada para mim. Em nenhum momento o vi perder o humor ou a sagacidade. Sempre tinha um gracejo irônico ou um comentário mordaz. Dotado de inteligência brilhante, impacientava-se com a incompetência e não tolerava a fraqueza e a mentira. Nunca hesitou em expressar os seus pontos de vista, quer aos superiores hierárquicos, quer aos oficiais norte-americanos. Jamais o vi embaraçado, arrogante ou servil."

Sua trajetória de Comandante e Chefe Militar, após ter alcançado o generalato, percorre o seguinte itinerário: Comandante da 10.^a Região Militar, Subchefe do EMFA, ECEME, Escola Superior de Guerra, Comandante da 8.^a Região Militar, Diretoria de Ensino de Formação, Diretoria Geral de Ensino, Comandante do IV Exército,

Chefe do Estado-Maior do Exército. Em todos estes comandos sua figura de chefe militar invulgar, assentada no culto da *responsabilidade*, na *sólida força moral e na irradiante inteligência e cultura postas a serviço da profissionalização e prestígio do Exército* foram inexcusáveis. A trajetória deixada pela passagem do General Castello Branco em todos os postos da hierarquia foi batizada pela constante admiração despertada por suas excelsas virtudes de cidadão e de Chefe Militar. Para os profissionais das armas, era um orgulho inigualável tê-lo como Comandante ou Chefe — o Marechal Mascarenhas de Moraes já o chamara, quando ainda Tenente Coronel, de “modelo e guia de oficial do estado-maior”. Nós todos que com ele convivemos em inúmeros postos de sua carreira, somos unânimes em parafrasear o Comandante da FEB, dizendo: “modelo e guia de Comandante”.

Enfrentou duras situações na controvérsia e confrontações que se estabeleceram por ocasião da montante de subversão da esquerda que inundou o país nos anos de 1963 e começo de 1964, cuja gravidade maior estava na conivência do governo de então com o processo que visava, através da estratégia da guerra revolucionária, confundir legalidade e direito, na sua meta de implantar no Brasil uma república socialista (pseudo-sindicalista). Infelizmente, alguns profissionais das Forças Armadas, de Generais a sargentos e cabos, deram seu apoio

aberto ou velado a este processo que intentou a jugulação da democracia brasileira, gerando um clima de insegurança a que não ficaram imunes os nossos quartéis. Foi aí que cresceu e alcançou altura incomparável, a figura do General-de-Exército Humberto de Alencar Castello Branco, como Chefe Militar respeitado por sua autoridade moral e por seu alto descortino da missão constitucional das Forças Armadas. O sentido correto dessa missão estava sendo posto em jogo pelos interessados na subversão.

Como Comandante do IV Exército, posicionou-se claramente contra a tentativa de subverter a hierarquia na sua área, pela intrusão das artimanhas sub-reptícias de comando paralelo (as ligações dos “generais do povo” com os “sargentos e cabos do povo” utilizando a rede de comunicações do comando).

Prontamente tomou medidas firmes e corajosas para coibir a tentativa de abuso, cujas origens estavam na conivência de altas autoridades instaladas nos palácios (os “generais do povo”), com a rede de “sargentos do povo”. Sabia que aqueles abusos traziam o beneplácito de altas autoridades. Não vacilou em cortar o mal pela raiz. Tãmanha sua autoridade moral, que ninguém teve a coragem de reclamar — os encapuzados do comando paralelo, “encapuzados ficaram”.

Nomeado Chefe do Estado-Maior do Exército, sentiu em cheio

os perigos a que a Nação estava exposta, ante a extensão da infiltração subversiva que, estimulada por setores instalados no governo, tentava assegurar, pelo menos, a imobilidade conivente das Forças Armadas, em nome de uma pretensa vontade popular, na hora em que a avalanche liderada por organismos espúrios (CGT, UNE, FPN, UBES, PUA, Clube de Sargentos, Clube de Cabos) desencadeasse o seu assalto ao poder.

Nesse período de apreensões, escreve o Chefe do EME a um amigo: "A minha tomada de posição muito me tem preocupado no Estado-Maior do Exército. A situação é difícilíssima e o 6.º andar (EME) está mergulhado num desprestígio avassalador. Que fazer, como fazer?" Em outra carta do mesmo período: "Fica-se bloqueado, neutralizado. Mas enquanto estiver aqui não desertarei da luta. Assim, o meu passatempo, quando fora do EME, longe de suas horas de trabalho, é constituído por estudos e preocupação."

O processo subversivo, tendo à frente o próprio Chefe do Executivo e seus auxiliares diretos, chega ao auge da ameaça. No próprio Palácio das Laranjeiras, são articulados os golpes sucessivos contra a democracia, a serem desencadeados em série — o comício da Central do Brasil, a revolta dos Marinheiros, a reunião dos Sargentos no Automóvel Clube, com representações de todo o país. O primeiro ato da maré montante da subversão, o comício

da Central do Brasil, é realizado num grande cenário pré-montado, usando-se o Exército, a pretexto da manutenção da ordem, como decoração para o espetáculo. Comparecem o Presidente da República, quase todo o Ministério e, entre estes, o Ministro do Exército. Sobre a participação do Ministro do Exército nesse comício subversivo contamos o historiador Luiz Vianna Filho:

"Contou mais tarde o General Costa e Silva, na presença do General Ururahy, que o Ministro do Exército dissera-lhe: 'Não vou a este comício, já disse ao Presidente que não vou'. Também o Gen Castello Branco, Chefe do EME, tivera a segurança da ausência do Ministro e transmitira-a a outros generais. Daí a surpresa com que, do próprio gabinete, no conhecido 6.º andar, Castello viu o Ministro no planque."

Continua Luiz Vianna Filho:

"O comício foi a gota d'água: ninguém mais duvidava sobre o rumo e os objetivos do Presidente e dos que o orientavam ou dominavam. O próprio General Castello Branco, até então cingido a um estado de contenção, não só visando preservar o Exército, mas também conservar-se leal aos ideais democráticos da Constituição, reconheceu que a observância

da legalidade conduzia ao comunismo. Realmente, um regime do tipo fidelista batia às portas do país.”

Dai ter o Chefe do Estado-Maior do Exército decidido expedir a famosa Circular de 20 de março de 1964, que teve a virtude de amalgamar o que de mais autêntico havia nas instituições armadas do país, na defesa da salvação dos ideais democráticos contidos na Constituição, dirigida aos Generais e demais militares do Estado-Maior do Exército. Em certo trecho dessa Circular afirma:

“Entrarem as Forças Armadas em uma revolução para entregar o Brasil a um grupo que quer dominá-lo para mandar a desmandar e mesmo para gozar o poder? Para garantir a plenitude do grupamento pseudo-sindical, cuja cúpula vive na agitação subversiva cada vez mais onerosa aos cofres públicos? Para talvez submeter a Nação ao comunismo de Moscou? Isto sim, é que seria anti-pátria, antinação e antipovo.

“Não, as Forças Armadas não podem atraiçoar o Brasil. Defender os privilégios das classes ricas está na mesma linha antidemocrática de servir ditaduras fascistas ou comunistas.”

Estava lançada a sorte do Exército naquela encruzilhada sombria da vida política nacional. En-

tre a lealdade a um governo que traía a Constituição e a lealdade à própria Constituição, a escolha estava feita.

Eclodiram numa seqüência de dias os novos desafios já esperados — a revolta dos Marinheiros, a reunião dos sargentos no Automóvel Clube. Chegara-se ao clímax. O povo, em Belo Horizonte e principalmente em S. Paulo (marcha por Deus, pela Pátria e pela Família), veio às ruas pedindo proteção das instituições contra a ousadia comunizante.

Estourou o 31 de março para conter essa avalanche comunista aliada ao aventureirismo peleguista. E, para surpresa dos pregadores da desordem, que anunciavam aos quatro ventos a força de seu dispositivo militar, lançado o rastilho em Minas Gerais (pelo General Mourão e Governador Magalhães Pinto), encontrou um Exército democrático sólido na defesa da preservação de uma sociedade livre neste país.

O pólo de confiança para a qual convergiam todas as esperanças, de civis e militares, foi a figura destacada de um Chefe Militar, sem mancha, sem jaça, e de grande e cultivada inteligência — o General Castello Branco. Os acontecimentos que se seguiram levaram-lhe, naturalmente, ao poder, “que não pediu e não pleiteou”. Seu passado de Chefe Militar granjearam-lhe a confiança da Nação.

O ESTADISTA

O conceito de estadista tem merecido interpretações várias, de historiadores e cientistas políticos. O inglês Arnold Toynbee tratou da matéria com a sabedoria que o consagrou. Entre os americanos, Hans Morgenthau e Henry Kissinger, ambos de origem germânica, em seus livros procuraram traçar o perfil do estadista. Outros, como o francês Octave Aubry, no seus estudos históricos, têm tentado chegar aos contornos dessa personalidade da política. Nossos cientistas políticos, Alberto Torres, Oliveira Vianna, Themistocles Cavalcanti, Afonso Arinos, também buscaram modelar os traços do homem de Estado.

Num ponto todos concordam: a missão do estadista é a de defender os interesses da Nação que representa. Será julgado pelos seus contemporâneos, pelos seus pósteros e pela história, levando em conta sua visão e seu valor na defesa do interesse nacional.

Perante a história, por exemplo, ninguém terá dúvidas no julgamento de um Churchill e de um Chamberlain, independentemente do mérito particular de cada um.

A maioria dos estudiosos da ciência política e da história entende que o estadista é aquele que, na direção dos negócios do Estado, revela visão ampla dos problemas, autoridade esclarecida e firme, e dedicação desinteressada aos superiores interesses nacionais. Outro conceito seria o de que o estadista pen-

sa devotadamente nos interesses do povo e da Nação, enquanto que o político pensa em interesses menores da política setorial ou nos seus próprios.

Castello Branco, realmente, nos três anos em que governou o país, deixou a marca indelével de sua figura de estadista. E já é a história que o consagra, pois a sua imagem, a admiração nacional e internacional pela sua personalidade e sua obra, cresce cada dia que passa.

Vernon Walters, que serviu a cinco Presidentes dos Estados Unidos, acompanhando-os nas conferências internacionais mais importantes como "master of the idioms" como o qualificou o ex-Presidente Johnson, assim se refere à personalidade de estadista de Castello Branco:

"O Presidente Castello Branco foi um dos homens mais extraordinários que conheci no decurso de uma longa carreira, tratando com Chefes de Estado e outras personalidades importantes. Seu espírito ágil e sua capacidade de apreender os problemas mais complexos impressionaram-me de imediato. Seu senso de humor e sua habilidade em ser sarcástico até consigo mesmo marcavam sua personalidade singular. À medida que o fui conhecendo melhor, o que talvez mais tenha despertado minha admiração foi sua inteligência brilhante,

seu interesse por todos os problemas, e, sobretudo, sua extraordinária integridade pessoal.”

Diz John Foster Dulles:

“Gradativamente, as características do novo Presidente do Brasil tornavam-se conhecidas. Castello Branco recusava a omitir-se de qualquer tipo de responsabilidade, mesmo as desagradáveis, tomava decisões mais graves e as enfrentava. Era do seu feitio de governo o estudo das situações em grupo.”*

O Embaixador Roberto Campos, seu Ministro de Planejamento, novo ministério criado pelo primeiro governo da Revolução, assim se expressa:

“Ele nunca foi sujeito a medo, desânimo ou preconceito. Neste sentido ele alcançou aquele tipo de glória que Charles De Gaulle certa vez descreveu como “le plus grand gloire du monde: celle des hommes que non pas cédé.”

Luiz Vianna Filho assim analisa o estadista:

“Difícilmente haverá personalidade mais rica e mais

completa do que a do Presidente Castello Branco, que aliava a energia do Chefe à visão do Estadista. Era dos que conservavam autoridade inata, embora havendo bebido o leite da ternura humana.”

E, mais adiante:

“Não lhe importava o peso das responsabilidades, que sempre se recusou a repartir com os auxiliares, por mais presentes que houvessem sido numa decisão. Das múltiplas facetas em que se desdobrava a sua vigorosa personalidade, poucas tão marcantes como a bravura de se manter sobranceiro ante a impopularidade, virtude sem a qual não teria levado a bom termo a ciclópica obra empreendida. A menor fraqueza, a mais leve concessão, qualquer vacilação teria feito malograr muito do que se fizera em árduos sacrifícios. Ele possuía, porém, a convicção de lhe caber enfrentar e suportar as agruras de um governo de “entressafra”, isto é, um duro período de semear sem colher. E nada o demoveria, visto que a tinha como a missão a ele confiada pela Revolução. A colheita seria de outros.”

Seguindo, Luiz Vianna Filho:

“Acreditamos emergirá aqui (deste livro) a figura do

*Conjuntamente, com os Ministros responsáveis e alguns especialistas convocados.

Chefe de Estado incansável em restaurar moral e materialmente o país. Um país que recebera devastado pela mais grave crise político, social, econômica e financeira de sua história, e que integrou colocado no caminho do progresso e da segurança. Fê-lo nisso também fiel à sua formação, graças a uma luta sem tréguas, aceitando soluções árduas e enfrentando críticas e oposição dos próprios correigionários. Convicto da conveniência nacional em manter o Congresso, preservar o Judiciário e acatar a liberdade de imprensa, arcou sobranceiro, sem queixas, com o pesado ônus oriundo de uma atitude que poucos defendiam ou justificavam na ocasião. O que lhe importava, porém, era semear; outros colheriam depois dele.”

Queremos encerrar esta série de depoimentos sobre Castello Branco, o estadista, com algumas impressões manifestadas, a viva voz, pelo General De Gaulle, refletindo o que ele guardou do convívio entre ambos, por três dias, durante sua visita ao Brasil, em 1964. Disse o grande estadista da França Contemporânea ao General Vernon Walters, comentando essa visita: “Rien e persone ne m'avait préparé pour le Marechal Castello Branco.” Noutra ocasião, ao receber o Embaixador D'Alamo Louzada, observaria: “Votre President, le Marechal Castello Branco, m'a beaucoup impressionné, comme homme d'Etat e pour sa culture.” Ao Diretor da Revista francesa “Est e Quest”, disse: “Le Brésil c'est une Nation, un peuple e un gouvernement qui les gouverne.”



O General-de-Divisão R1 Carlos de Meira Mattos foi comandante do Destacamento Brasileiro da Força Interamericana de Paz, FAIBRÁS, como coronel. Comandou a Academia Militar das Agulhas Negras e Infantaria Divisionária da 7.ª Divisão de Infantaria (ID-7) em Natal, RN. Foi também Vice-Presidente da Junta Interamericana de Defesa, em Washington, EUA. Geo-político de renome internacional. Doutor em Ciências Políticas pela Universidade Mackenzie, e um colaborador constante de nossas revistas militares e autor de inúmeros livros, alguns destes editados pelo BIBLIEX.